**SOTERIOLOGIA**

Pe. José Erinaldo

**I - Salvação de Cristo e salvação do homem[[1]](#footnote-1)**

* Duas perspectivas:
  + aquela do homem frágil e indigente, que pensa o próprio bem e a própria plenitude, que não tem em si tudo aquilo que desejaria,
  + aquela do dom que Deus nos faz em Cristo.
* A palavra “salvação” suscita interesse em nós porque temos necessidade dela. Todos desejamos a libertação dos aspectos negativos da nossa vida; estamos sempre diante do horizonte inquietante da nossa morte.
* Todos os homens não pensam a salvação de modo unívoco. A diversidade das concepções antropológicas comporta necessariamente ideias diversas sobre a plenitude humana[[2]](#footnote-2).
* A este pluralismo de concepções e de visões do homem se acrescenta a experiência frequente do falimento das tentativas de alcançar a plenitude somente com os nossos esforços. Somente “Cristo, morto e ressuscitado por todos”, é o único salvador e dá ao homem a possibilidade de responder à sua vocação. Nele se encontra “a chave, o centro e o fim de toda a história humana”[[3]](#footnote-3).
* Somente no encontro com Cristo podemos ver com clareza que coisa significa a salvação que ele nos traz.
* Não há encontro com Cristo sem conversão (cf. Mc 1,15; Mt 3,17).
* A redenção se refere a Deus, antes que a nós, e, por isso mesmo, é uma realidade libertadora para nós[[4]](#footnote-4). Este primeiro momento “descendente” do encontro com Deus se faz presente também no conhecimento que podemos ter dele a partir da criação[[5]](#footnote-5). A salvação do homem não diz respeito somente a qualquer um de nós, mas é a realização de um desígnio que Deus deseja cumprir em Jesus Cristo Seu Filho, um projeto que iniciou com a criação e que não terminará até a parusia (cf. Sl 110,1; Hb 10,13; 1Cor 15,24-28).
* A salvação cristã é libertação do pecado. Ela tem um componente de libertação e de redenção. Como dom de Deus, requer aceitação e cooperação por parte do homem. É por isso que ela implica conversão (cf. 1Tm 1,15; Rm 3,21).
* A Boa Notícia é somente para quem se deixa configurar por ela. O anúncio da boa notícia, o convite à acolhida desta pela fé, tem como objeto e resultado a salvação do homem.
* A salvação germina, em última análise, do amor de Deus que dá ao mundo o seu único Filho, a fim de que aquele que nele crê tenha a vida eterna e seja convidado. O Filho é enviado não para condenar o mundo, mas para salvá-lo, dando sua vida por nós (cf. Jo 3,16-17; Rm 5,8-9).
* A nossa salvação tem lugar no âmbito de um projeto no qual Deus mesmo se comprometeu e diante do qual não é indiferente. Esse projeto é ainda em fase de realização (cf. 1Cor 15,14-28; Ef 1,13; Sl 110,1). A obra de Cristo não está ainda plenamente cumprido, a a salvação de cada um não pode ter lugar se não no âmbito desse desígnio que abraça a humanidade inteiro (cf. 1Tm 2,3-4).
* A realização da obra de Cristo e a salvação do homem estão em íntima conexão.

**II - A salvação em Cristo**

* A oferta da salvação é a pessoa mesma de Jesus (cf. Sl 118,22; At 4,11-12). A salvação aparece já essencialmente ligada desde o primeiro momento à sua pessoa. A salvação é uma iniciativa de Deus e em dele.
* O Salvador e a salvação são inseparáveis.

**III – A “perfeição” de Cristo, causa da nossa salvação**

* Primeiro aspecto da mediação na sua pessoa mesma. Embora fosse Filho, aprendeu (εμαθεν) a obediência... e tornou-se causa de salvação para todos que obedecem (Hb 5,7-10). Tornou-se semelhante a nós em tudo, menos no pecado (Hb 4,5). Uma participação que nos abre ao profundo mistério daquele que se sabe sempre em comunhão perfeita com o Pai e na participação do seu poder (cf. Jo 5,19.36; 11,41-42).
* Segundo aspecto: a escuta da sua oração, na sua atitude reverente, inicia na sua transformação interior: no seu sofrimento aprendeu a obediência, porém chegou à perfeição e pôde converter-se em causa de salvação para todos aqueles que creem nele.
* A perfeição é, ao mesmo tempo, a perfeição do homem e aquela do mediador, as duas estão interligadas. Disser-ia que a perfeição de Cristo e a salvação dos homens são as duas faces inseparáveis de uma mesma moeda. A salvação dos homens está em relação intrínseca com a plenitude da humanidade de Cristo na ressurreição. A salvação do homem não pode ser separada da plenitude de Cristo, pode ser somente participação nesta última (cf. Jo 1,16).
* A relação entre a plenitude de Cristo por obra do Pai e aquela do homem, presente já no Novo Testamento, foi objeto de reflexão explícita também na **teologia patrística**.
* Segundo **Justino Mártir**, em seu Diálogo com Tifão, há dois momentos da vida de Cristo adquirem, neste sentido, um especial significado: a descida do Espírito Santo sobre Jesus no momento do batismo no Jordão e a ressurreição. Há um elemento que coloca esses dois momentos em relação: a referencia á filiação divina de Jesus (cf. Mc 1,11par.; At 13,33; Rm 1,4).
* O judeu Tifão quer saber por que se Jesus é o Filho de Deus preexistente, sobre ele desce o Espírito Santo no rio Jordão. Para ele, isso demonstra que Jesus não possui a condição divina. Toda a história de sofrimento de Jesus seria, segundo Tifão, uma prova de que Jesus não é Deus.
* Justino insiste na novidade do que acontece em Cristo e, em concreto, na novidade da filiação divina anunciada no rio Jordão, sempre em relação com a salvação dos homens e tendo presente a íntima conexão que existe entre a história de Jesus e aquela da humanidade inteira. A novidade é aquela da “manifestação aos homens”, mediante a qual o homem possa nascer para Deus. Para isso, Jesus mesmo deve fazer, de certo modo, a experiência deste nascimento. Para ser mais claro: os mistérios da vida de Cristo nos mostram um crescimento e um desenvolvimento de Jesus na sua relação com o Pai. Este progresso na filiação, por obra do Espírito Santo, tem, por um lado, como finalidade a realização da missão que a ele confiada, e, por outro, de ser habilitado a comunicar aos homens a perfeição que possui. A progressão aqui tem como único escopo a perfeição dos homens.
* O segundo momento da vida de Jesus é marcado pela sua ressurreição, que aparece como o momento de sua “salvação”[[6]](#footnote-6). **Cristo faz entender duas coisas**: reconhece como pais aqueles que esperaram em Deus e foram salvos por Ele (cf. Sl 22,5-6); e que ele mesmo será salvo por Deus, no entanto não se gloria de fazer nada com a própria vontade ou com a própria força. Justino explica também: “O Filho de Deus nos diz que não pode salvar-se sem a ajuda de Deus (cf. Sl 22,10-12), nem porque é Filho, nem porque é sábio e forte, mas porque é impecável, não pecou nem mesmo por palavra, como disse Isaías: porque ‘não cometeu violência nem se encontrou engano na sua boca’ (Is 53,9)”[[7]](#footnote-7). A salvação significa para Jesus adquirir, na sua humanidade, em todo o curso da sua vida mortal e especialmente na sua ressurreição, aquilo que, verdadeiramente e não em sentido figurado, dará aos homens. Cristo pode ser o Salvador porque na sua humanidade experimentou e recebeu a salvação de Deus. Em uma palavra: foi salvo.
* **Ilário de Poitiers**, assim como Justino, falou da salvação de Jesus, dois séculos depois, em plena luta anti-ariana. Insistiu sobre a necessidade de Jesus de ser salvo e sobre sua solidariedade conosco na fraqueza que condividiu com todos os homens. Segundo ele, “A fraqueza assumida tem o ofício de pedir a salvação, a consciência da divindade mantém a esperança da salvação que se espera na morte”[[8]](#footnote-8). Jesus realizou, em primeiro lugar, em si mesmo o mistério da nossa salvação, porque com a sua ressurreição anulou o decreto de condenação que nos ameaçava (cf. Cl 2,14-15). A salvação de Cristo e a nossa são uma e a mesma. Na glorificação da sua humanidade se cumpre a salvação nele e em nós. A salvação que pede e que se realiza nele é a glorificação e divinização da humanidade.
* **Leão Magno** falou da exaltação de Cristo na sua humanidade, tendo presente o hino de Fl 2,6-11:
  + “Sendo único o Senhor Jesus Cristo..., compreendemos, contudo, que a exaltação com a qual, como disse o doutor das gentes, Deus o exaltou e deu-lhes um nome que está acima de todo outro nome (cf. Fl 2,9-10), refere-se àquela forma que devia ser enriquecida com o aumento de uma glorificação tão grande... A forma de servo..., através da qual a divindade impassível levou a termo o sacramento da grande piedade (cf. 1Tm 3,16), é a humildade que foi elevada na glória da potência divina”[[9]](#footnote-9).
* **Santo Irineu** afirma que “enquanto o Verbo de Dio tinha-se feito homem da raíz de Jessé e filho de Abraão, o Espírito de Deus repousava sobre Ele e foi ungido para evangelizar os homens (cf. Is 61,1; Lc 4,18)... o teria ungido, desceu sobre ele para que nós fóssímos salvos recebendo a sua unção”[[10]](#footnote-10).
* **Atanásio** se exprime em termos semelhantes: “Não é o Logos enquanto Logos e Sabedoria a ser ungido com o Espírito Santo que ele dá, mas é a carne que ele assumiu, a qual vem ungida nele e por ele, a fim de que a santificação que veio sobre o Senhor enquanto homem possa passar dele a todos os homens”[[11]](#footnote-11). E ainda: “tudo aquilo que a Escritura diz que Jesus recebeu, di-lo a causa do seu corpo, que é primícias da Igreja... Em primeiro lugar o Senhor atraiu todos os membros para dar-lhes, como Deus, aquilo que recebeu como homem”[[12]](#footnote-12). Evidentemente, nesses textos de Atanásio se pode notar uma tendência a insistir sobre a ação de Jesus enquanto Deus na sua humanidade, com um certo esquecimento da ação do Pai que, segundo o Novo Testamento, unge Jesus e o ressuscita. A mudança de ênfase pode ser explicada pela necessidade de insistir sobre a divindade do Filho, negada pelos arianos. Porém, em outros passos, nota-se uma maior aproximação ao texto bíblico. Assim, em De incarnatione Verbi et contra Arianos 21 (1021): “Quando Pedro disse: ‘Saiba, portanto, com certeza toda casa de Israel que Deus constituiu Senhor e Cristo aquele Jesus que vós crucificastes” (At 2,36), não se trata da divindade da qual ele diz que Deus a fez Senhor e Cristo, mas da sua humanidade, que é toda a Igreja’”. Uma distinção semelhante em Ilário de Poitiers, De Trinitate XI 19 (CCL 62A, 550): “O progresso que a unção produz não se refere àquilo que não necessita de nenhum crescimento, mas àquilo que mediante o crescimento no mistério necessita do progresso que a unção causa; isto é, Cristo foi ungido porque mediante a unção, a humanidade que ele assumiu de nós existisse como santificada (homo noster)”. O crescimento e o desenvolvimento em Cristo, a sua unção, a sua exaltação e a sua glorificação, não se aplica à sua natureza divina, mas somente à sua humanidade, embora isso não signifique que não se aplique a ele “pessoalmente”, enquanto Filho de Deus encarnado. Porém, nessa humanidade considera-se inclusa toda a Igreja, da qual Cristo é a Cabeça, que abraça, potencialmente, toda a humanidade. Se Jesus não tinha necessidade, para ele mesmo, da economia salvífica, uma vez que a encarnação teve lugar para a salvação do mundo, não podemos imaginar que os eventos e as vicissitudes da sua vida humana até a morte e a ressurreição, não tenham um significado para ele. Em caso contrário, ver-se-ia seriamente comprometido o sentido mesmo da encarnação.
* **Segundo a Tradição**, a salvação que Jesus experimenta e recebe na sua humanidade é aquela que lhe compete como cabeça do corpo e aquela que em última instância é destinada aos homens seus irmãos (cf. 2Cor 5,21). Não parece exagerado pensar que o conhecido axioma “quod non est assumptum non est sanatum”[[13]](#footnote-13) obtém plenitude de significado se pensamos que em primeiro lugar foi “salvo” Jesus mesmo na sua humanidade, que ele assumiu na sua integridade (corpo e alma), e para isto pôde ser salvo todo o gênero humano; a salvação passou a cada homem. É evidente que, no caso de Jesus, a “salvação” exclui a libertação do pecado, que não ele não pôde cometer, mas que ele, porém, carregou sobre suas costas. Mas também com a exclusão de aspecto, certamente um ponto de capital importância, a santificação, a consagração, a salvação de Cristo enquanto homem são temas frequentes na teologia dos Padres. A humanidade de Jesus é, em cada momento, modelo e medida da nossa, porque ele cumpriu sempre a vontade do Pai; é-o, especialmente, na morte e ressurreição, porque no mistério pascoal está o centro do desígnio divino. É-o quando Jesus, aperfeiçoado pela obediência ao Pai, é causa de salvação para todos aqueles que lhe obedecem. A humanidade vivificada pelo Senhor é princípio de vivificação dos homens.
* **Conforme Santo Ambrósio:**
  + “Afirma-se a nossa semelhança com o Filho e uma certa unidade com ele segundo a carne porque assim como o Filho de Deus foi vivificado na carne como homem por seu Pai... também nós como homens somos vivificados pelo Filho de Deus. Segundo essa exposição não somente chega a nós a generosidade da graça, mas se afirma também a eternidade da divindade, da divindade porque ela mesma vivifica, da condição humana porque ela também foi vivificada em Cristo”[[14]](#footnote-14).

**IV – O Filho de Deus unido a cada homem**

* Fundamental pressuposto das linhas soteriológica com as quais introduzimos nossa matéria e que poderiam posteriormente desenvolver-se, é a doutrina da assunção de toda a humanidade da parte do Verbo, a inclusão, em Cristo, de toda a humanidade. É o que diz O. Gonzalez:
* A inclusão de toda a humanidade em Cristo (criação, encarnação, redenção) é o pressuposto de todas as afirmações do Novo Testamento sobre a nossa salvação. Esta inclusão é o fundamento do nosso ser (como participação na sua existência), da nossa liberdade (liberdade somente onde há filiação), da nossa redenção (a escravidão não é superável com o próprio esforço, mas mediante a integração com ele na condição de filho, na posse do Espírito e na aceitação por parte do Pai)[[15]](#footnote-15).
* Trata-se de um antigo ensinamento que, radicado sem dúvida no NT (cf. Mt 25,31-46), o Conc. Vat. II o propôs novamente: “por meio da encarnação, o Filho de Deus uniu-se **de certo modo** (*quodammodo*) a cada homem” (GS 22,24;32). “De certo modo” é uma expressão deliberadamente vaga que tende a garantir a *irrepetibilidade da encarnação* e da *união hipostática*, acontecidas somente uma vez e para sempre.

**Irineu**, na Adversus Haereses, afirma:

(Revela-se também) um só Filho, que cumpriu a vontade do Pai. E uma só linguagem (gênero) humano, no qual se cumprem os mistérios de Deus que os anjos desejam contemplar (Pd 1,12), incapazes de examinar a Sabedoria de Deus por meio da qual consuma-se (realiza-se) o seu plasma, dotado da mesma forma e corpo do Filho… Deste modo, o Verbo, fruto dele e primogênito (da criação) desce ao criado, isto é, ao plasma, que ele também assume; por sua vez o criado assume o Verbo e ascende a Ele, além dos anjos …, e se faz imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26)[[16]](#footnote-16).

* Na descida do Filho a nós, em que se fez “com-corporal” (fez-se com-corporado) com cada homem, está a condição de possibilidade da nossa subida ao Pai, que se realiza em primeiro lugar em Jesus. Nesta subida, a natureza humana vai além dos anjos, novamente em primeiro lugar nele, mas também em nós, enquanto unidos a ele. Podemos conquistar a perfeição somente enquanto nos tornamos conformes e “com-corpóreis” com o Filho de Deus. A parabola da ovelhas perdida (cf. Mt 18,12-14; Lc 15,4-7) deu ocasião aos Padres da Igreja de considerarem unida toda a humanidade pecadora.

**Gregório de Nissa** é mais explícito: “esta ovelha somos nós, os homens, que com o pecado nos separamos das cem ovelhas salvas. O Salvador coloca sobre suas costas a ovelhas toda inteiro, toda inteiro foi restituída. O Pastor a carrega sobre suas costas, isto é, na sua divindade. Mediante esta Assunção, torna-se uma só coisa com ele”[[17]](#footnote-17).

* Nessa mesma linha de raciocínio se encontra a afirmação de **santo Agostinhos** sobre o “**Christus totus**”, a cabeça e os membros[[18]](#footnote-18): “quando ora, o corpo do Filho não separe de si a sua Cabeça, de modo tal que este seja o único salvador do seu corpo, nostro Senhor Jesus Cristo, que ora por nós, e invocado por nós[[19]](#footnote-19).
* Isaac da Estrela, da tradição agostiniana medieval vai além. Cristo Cabeça é salvo e somente enquanto tal pode salvar o seu corpo:

“Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputou o pecado (Sl 31,1). Este homem é, sem dúvida, Cristo. Dado que a cabeça de Cristo é Deus, perdoa os pecados. Dado que a cabeça do corpo é um só homem, não se lhe perdoa nada. Enquanto o corpo desta cabeça é formado por muitos, não se lhe imputa nada. Ele, exatamente em si mesmo, justifica a si mesmo. O único salvador e o único salvo (solus salvator, solus salvatus); o único que ascende e o único que descende, aquele que com o Pai concede os dons que ele mesmo recebe nos homens”[[20]](#footnote-20).

* Jesus, pela sua divindade e consubstancialidade com o Pai, perdoa os pecados dos homens porque ninguém pode perdoar os pecados senão Deus. Enquanto ele é a cabeça inseparável do corpo da humanidade salva por ele, o pecado não lhe é imputado, graças à salvação que ele mesmo levou… Cristo, que é salvador enquanto capo, foi também salvo enquanto cabeça unido indissoluvelmente ao corpo.
* A nossa salvação é aquela de Cristo. Daí porque ela só pode acontecer na plenitude do corpo de Cristo, plenitude que ainda deve se realizar.
* Filho de Deus, por amor, fez-se o que nós somos para nos dar a perfeição daquilo que ele é, isto é, a perfeição de sua filiação divina. Neste misterioso intercâmbio, a salvação de Cristo é a nossa e a nossa é aquela de Cristo, enquanto cabeça do corpo. Nada do que acontece na cabeça é indiferente ao corpo, e vice-versa.
* Em virtude da Encarnação, nenhum homem é estranho a Cristo. Cada homem, em virtude do dom pascal do Espírito Santo, pode ser associado a Cristo. Qualquer um pode também aceitar ou recusar pessoalmente o dom que a ele é feito em Cristo, pois ninguém pode receber a salvação recusando-a deliberadamente.
* Jesus Cristo nos deu o seu Espírito Santo, que faz da sua Igreja um só corpo. Ele também age fora das fronteiras visíveis dela.
* Na humanidade de Jesus, o Espírito se habitua a habitar entre os homens, segundo santo Irineu[[21]](#footnote-21). Por outro lado, o homem deve habituar-se a encontrar e descobrir o Espírito e a possuir a comunhão com Dio[[22]](#footnote-22). Depois da glorificação de Cristo, este Espírito poderá ser dado a todos os homens como Espírito de Cristo e fará em nós quanto fez em Jesus: realizar a vontade de Deus Pai.
* Em virtude desta conaturalidade entre Cristo e nós, o Espírito nos pode comunicar a novidade de Cristo. Ele que se habituou em Cristo a habitar na humanidade, agora pode habitar também em nós e como “conaturalizou”[[23]](#footnote-23) com Deus a humanidade de Cristo, pode tornar também a nossa humanidade connatural com Deus. O Espírito é o legame entre a “salvação” de Cristo e a nossa.

**V - Algumas perspectivas escatológicas**

* Jesus vive ressuscitado, na plenitude da glória divina, sentado à direita do Pai, esperando ainda que os seus inimigos sejam colocados debaixo dos seus pés, para reinar definitivamente (cf. 1Cor 15,25-28).
* Jesus intercede por nós diante do Pai e nele temos o Sumo e Sacerdote que, provado pelo sofrimento, pode compadecer-se das nossas fraquezas (cf. Hb 2,17-18; 4,14-16). Em virtude dessa compaixão, certamente misteriosa para nós, Jesus continua carregando sobre SI o peso da nossa dor e da nossa fraqueza. Até o momento do cumprimento final, para Jesus não podem ser indiferentes nem a dor da humanidade, cujas feridas veio curar, nem os pecados dos homens, pelos quais intercede diante do Pai[[24]](#footnote-24), no sentido de que na Igreja, seu Corpo, identifica-se com cada membro na sua dor de cada dia.
* A alegria será plena quando não faltar nenhum membros no corpo de Cristo, que então será o corpo de todos. A plenitude de Cristo coinciderá com a de todos nós. S. Tomás diz que “Esta comunhão será muito agradável, porque cada um amará o outro como a si mesmo e se alegrará do bem do outro como do próprio”[[25]](#footnote-25).
* A plenitude do corpo de Cristo é de Cristo mesmo e, junto e inseparavelmente, de cada um dos homens. O cumprimento do desígnio de Deus em Cristo e a nossa salvação são intimamente ligados. O reino de Cristo seremos nós mesmos, todos os homens salvos. A plenitude final deste Reino, que Cristo entregará ao Pai no fim dos tempos, significará também que os homens reinarão juntos com o Senhor: “Ele mesmo entregará (ao Pai) como reino aqueles que reinarão com ele”[[26]](#footnote-26).
* O reino de Cristo e o nosso coincidem. A sua “salvação” e a nossa são a mesma coisa.
* Nem sempre foi tida em conta essa dimensão cristológica na discussão, muito viva alguns anos atrás, sobre o “estado intermédio”, que se concentrou, sobretudo, sobre questões antropológicas. Porém não se pode esquecer este aspecto da plenitude do corpo de Cristo presente na tradição. Faz ver, ainda uma vez, que não se pode afrontar teologicamente o tema da salvação sem considerar a mediação única e universal de Jesus. Uma salvação à margem da Igreja celeste, o corpo de Cristo ressuscitado, não se encontra nem no NT nem na tradição da Igreja.
* Há também, intimamente ligada com essa, a questão levantada nos últimos decênios a partir dos estudos escatológicos sobre o significado eterno da humanidade de Cristo na nossa relação com Deus. Esta humanidade tem uma função e um sentido eternos? Uma vez ocorrida a Encarnação, fruto exclusivamente da liberalidade e do amor divinos, a exaltação de Cristo na sua humanidade se torna “necessária, porque essa humanidade permanece para sempre unida à pessoa do Verbo, existe na sua pessoa”[[27]](#footnote-27).
* Se a humanidade glorificada de Cristo devesse desaparecer, se esta humanidade “salva” não existe para sempre, desaparece também a razão de ser da nossa esperança. A nossa humanidade perdurará na inserção no corpo de Cristo ressuscitado. Karl Rahner acrescenta que na vida eterna se pode contemplar o Pai unicamente mediante o Filho, porém essa contemplação se dará de modo imediato, porque a visão imediata de Deus não nega a eterna mediação de Cristo enquanto homem.
* Deve-se ter presente que no quarto Evangelho se fala de uma função reveladora de Cristo glorificado no âmbito da relação profunda que existe entre a revelação do Pai da parte de Jesus e a glorificação de Cristo da parte do Pai (cf. Jo 17,24.26). A revelação do Pai não ocorre somente mediante a humanidade gloriosa de Jesus, mas também nela, enquanto sejamos inseridos no seu corpo ressuscitado. A nossa ressurreição terá lugar no corpo de Cristo, nele podemos ter acesso ao Pai; “ser conquistados por Cristo (cf. Fl 3,12) quer dizer encontrar-se naquele corpo que assumiu de nós, no qual fomos escolhidos antes da criação do mundo (cf. Ef 1,4), no qual fomos reconciliados enquanto antes éramos inimigos”[[28]](#footnote-28). A humanidade de Cristo não só perdura na vida eterna, mas é o lugar do nosso encontro com Deus.
* A mediação de Jesus não é aquela de quem se interpõe entre Deus e nós. Nele e por meio dele, ao contrário, ocorre a nossa união imediatamente com o Pai. Não existe outro caminho para conseguir a união com o Pai, pois ninguém vai ao Pai senão por meio dele (cf. Jo 14,6), e este caminho não se torna supérfluo porque foi acrescido à meta. Nele estamos em comunhão com Deus. Na potência do seu Espírito somos já e seremos ainda mais plenamente filhos de Deus. A salvação não pode consistir no afastamento de Cristo para chegar a Deus, mas na participação, cada vez mais intense, na sua vida. Nunca será “superável” a nossa condição de imagem do homem celeste, e até mesmo a nossa confirmação com ele, nem a nossa filiação divina.
* A paternidade divina é referida sempre e principalmente ao Filho. O seu corpo ressuscitado é o âmbito da nossa vida eterna, que é a participação na salvação que ele, Deus e homem, obteve na sua humanidade para todos nós. Sem benefício algum para a sua pessoa divina, que de sempre vive na plenitude da troca recíproca de amor com o Pai e o Espírito Santo, assumiu, porém, como própria a natureza humana e não mais viver sem ela a comunhão com as outras pessoas da Trindade. Nós fomos incorporados neste intercâmbio em virtude da Encarnação, da morte e da ressurreição do Filho de Deus. A plenitude do dom do Espírito do ressuscitado nos aperfeiçoará na nossa filiação divina: “se, por conseguinte, o amor, ao abraçar dentro de si o homem, o impulsiona a dizer Abbá, Pai (Rm 8,15; Gl 4,6), que fará toda a graça do Espírito dada aos homens por Deus? Tornar-nos-á semelhantes a ele e realizará o beneplácito do Pai, como quem modela o homem a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,16)”[[29]](#footnote-29). A visão paterna de Deus supõe que esta paternidade se estenda a todos os homens salvos por Cristo (cf. Ad gentes,7).

**Conclusão**

* Não só porque Cristo é o único salvador que com a sua morte e a sua ressurreição libertou os homens do pecado e comunicou a eles a vida eterna, mas porque a “salvação” que comunica a eles é a sua mesma: aquela que ele na sua humanidade recebe do Pai, que como vimos é também “salvador” dos homens segundo o NT; aquela que ele deseja condividir com todos nós e, além disso, aquela que não deseja ter sem nós porque não deseja, como cabeça, ser sem o corpo.
* Esta oferta de salvação é para todos os homens, sem exceção; o anúncio de Cristo se dirige a todos. É um anúncio do qual a Igreja é portadora, a Igreja peregrinante, que é missionária por sua natureza mesma, como nos ensinou o concílio Vaticano II (cf. AG 2;6). E João Paulo II, na Redemptoris missio, 5 precisou: “nesta Palavra definitive da sua revelação, Deus se fez conhecer de modo mais pleno: ele disse à humanidade quem ele é. E esta autorevelação definitive de Deus é o motivo fundamental pelo qual a Igreja é por sua natureza missionária”.
* Nos tempos do pluralismo em que nos encontramos, pode resultar muito estranho que a Igreja insista em manter o caráter único e universal da salvação de Cristo. A afirmação, de certo bem distante do desprezo o da falta de reconhecimento dos valores que se encontram naquele que não condividem a nossa fé, nas diversas culturas do mundo nas mesmas religiões. Também nessas se encontram as sementes do Verbo e raios da verdade que é Cristo. Este reconhecimento é um aspecto muito importante da proclamação da unidade e universalidade da salvação em Cristo. Recorda-nos que esta universalidade, mais que excluir, inclui, entre outras razões, o fato de a mediação única de Jesus não se poder separar da vontade de salvação universal de Deus (cf. 1Tm 2,3-5).

* Cristo, unido a cada homem e a toda a humanidade, deseja tornar-nos todos participantes da vida e da plenitude que não quis ter sem nós, a vida que recebeu do Pai. Não se trata do fato de que Jesus tenha-nos dado uma salvação qualquer. A pessoa do salvador, o Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado por nós, determina essencialmente a mesma salvação[[30]](#footnote-30).

**VI - O mistério da Encarnação**

* “Na encarnação do Filho, e em toda a sua vida, revela-se o mistério do amor de Deus de forma inesperada para todos os homens (cf. Rm 5,8; Jo 3,16).
* A revelação de Deus Pai é possível porque em Cristo, imagem de Deus invisível, no qual vemos o Pai mesmo, amou-nos até o fim. O amor de Cristo é a demonstração do amor do Pai. Cristo é realmente Deus conosco, participa de toda a nossa vida, prova, em cada coisa, à nossa semelhança, menos o pecado (cf. Hb 4,15). Mediante sua presence, enviado “como homem aos homens”[[31]](#footnote-31), o Filho nos revelou Deus e nos trouxe a sua salvação.
* Porém, a presence de Cristo no mundo não terminou com a sua vida mortal, mas, depois da sua ressurreição e ascensão ao céu, fez-se mais universal e também evidentemente mais misteriosa (cf. Mt 28,20). O Senhor ressuscitado, porém, abraça tudo, e a ação do seu Espírito não conhece limites.
* A Igreja, corpo de Cristo, é o lugar por excelência dessa presença de Cristo e do seu Espírito, mas não de modo exclusivo. A possibilidade da salvação vai além das fronteiras visíveis da Igreja é um dado adquirido, não só na teologia católica, mas também no magistério. Se bem que se a possibilidade de salvação por todos os homens não constitui um problema na discussão teológica do momento, o debate sobre a universalidade da mediação de Cristo nessa salvação não encerrou, apesar de qualificados interventos magisteriais”.
* Ele “se encarnou no homem para o homem e realizou toda a economia humana”[[32]](#footnote-32). Ele, o “novo”, a “novidade”, provou do modo novo de ser criatura com a criatura; como alguém apaixonado, não pela situação, mas pela pessoa humana. Sem prescindir de sua identidade, o Filho Eterno do Pai assumiu o ser humano para ser “um” com ele, ser íntimo, ser condição legítima de elevação, superação, razão de vida, salvação absoluta. Ele, por meio de sua encarnação, revelou plenamente o homem a si mesmo, manifestando-lhe a divinização como sua mais elevada vocação[[33]](#footnote-33).

**O FILHO DE DEUS FEZ-SE HOMEM[[34]](#footnote-34)**

**I. Porque é que o Verbo encarnou?**

**456.**Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: *«Por nós, homens, e para nossa salvação,* desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem» (79).

**457.** O Verbo fez-Se carne *para nos salvar, reconciliando-nos com Deus:* «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» *(1 Jo* 4, 10). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» *(1 Jo* 4, 14). «E Ele veio para tirar os pecados» *(1 Jo* 3, 5):

«Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a luz; cativos, esperávamos um salvador: prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?» (80).

**458**. O Verbo fez-Se carne, *para que assim conhecêssemos o amor de Deus:* «Assim se manifestou o amor de Deus para connosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» *(I Jo* 4, 9). «Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» *(Jo 3,* 16).

**459.** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade:* «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...]» *(Mt* 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» *(Jo* 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai*-o» (Mc 9,* 7) (81). De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» *(Jo* 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento (82).

**460.** O Verbo fez-Se carne, *para nos tornar «participantes da natureza divina» (2 Pe* 1, 4): «Pois foi por essa razão que o Verbo Se fez homem, e o Filho de Deus Se fez Filho do Homem: foi para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a adopção divina, se tornasse filho de Deus» (83). «Porque o Filho de Deus fez-Se homem, para nos fazer deuses» (84). *«Unigenitus [...] Dei Filias, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factos homo –* O Filho Unigénito de Deus, querendo que fôssemos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza para que, feito homem, fizesse os homens deuses» (84).

**II. A Encarnação**

**461.** Retomando a expressão de São João («o Verbo fez-Se carne»: *Jo* 1, 14), a Igreja chama «Encarnação» ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. Num hino que nos foi conservado por São Paulo, a Igreja canta este mistério:

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de Cruz» *(Fl* 2, 5-8) (86).

**462.** A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: "Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade"» *(Heb* 10, 5-7, citando o *Sl* 40. 7-9, segundo os LXX).

**463.** A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» *(1 Jo 4,* 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o seu princípio, ao cantar «o grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-Se na carne» *(1 Tm* 3, 16).

**III. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem**

**464.** O acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa do divino com o humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta verdade da fé, teve a Igreja de a defender e clarificar no decurso dos primeiros séculos, perante heresias que a falsificavam.

**465.** As primeiras heresias negaram menos a divindade de Cristo que a sua verdadeira humanidade (docetismo gnóstico). Desde os tempos apostólicos que a fé cristã insistiu sobre a verdadeira Encarnação do Filho de Deus «vindo na carne» (87). Mas, a partir do século III, a Igreja teve de afirmar, contra Paulo de Samossata, num concilio reunido em Antioquia, que Jesus Cristo é Filho de Deus por natureza e não por adopção. O primeiro Concílio ecuménico de Niceia, em 325, confessou no seu *Credo* que o Filho de Deus é «gerado, não criado, consubstancial ('homoúsios') ao Pai» (88); e condenou Ario, o qual afirmava que «o Filho de Deus saiu do nada» (89) e devia ser «duma substância diferente da do Pai» (90).

**466.** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concilio ecuménico, reunido em Éfeso em 431,confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem» (91). A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, cm 431, que Maria se tornou, com toda a verdade. Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne» (92).

**467.** Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado» (93): gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase» (94).

**468.** Depois do Concílio de Calcedónia, alguns fizeram da natureza humana de Cristo uma espécie de sujeito pessoal. Contra eles, o quinto Concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 553, confessou a propósito de Cristo: «não há n'Ele senão uma só hipóstase (ou pessoa), que é nosso Senhor Jesus Cristo, *um da santa Trindade»* (95).Tudo na humanidade de Cristo deve, portanto, ser atribuído à sua pessoa divina como seu sujeito próprio (96); não só os milagres, mas também os sofrimentos (97) e a própria morte: «Aquele que foi crucificado na carne, nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da glória e um da Santíssima Trindade» (98).

**469.** Assim, a Igreja confessa que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. É verdadeiramente o Filho de Deus feito homem, nosso irmão, e isso sem deixar de ser Deus, nosso Senhor:

«Id quod fuit remansit, et quod non fuit assumpsit» – «Continuou a ser o que era e assumiu o que não era», como canta a Liturgia Romana (90). E a Liturgia de São João Crisóstomo proclama e canta: «Ó Filho único e Verbo de Deus, sendo imortal. Vos dignastes, para nossa salvação, encarnar no seio da Santa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e sem mudança Vos fizestes homem e fostes crucificado! Ó Cristo Deus, que por Vossa morte esmagastes a morte, que sois um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salvai-nos!» (100).

**IV. Como é que o Filho de Deus é homem**

**470.** Uma vez que, na união misteriosa da Encarnação, «a natureza humana foi assumida, não absorvida» (101), a Igreja, no decorrer dos séculos, foi levada a confessar a plena realidade da alma humana, com as suas operações de inteligência e vontade, e do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, a mesma Igreja teve de lembrar repetidamente que a natureza humana de Cristo pertence, como própria, à pessoa divina do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Ele fez e faz nela, depende de «um da Trindade». Portanto, o Filho de Deus comunica à sua humanidade o seu próprio modo de existir pessoal na Santíssima Trindade. E assim, tanto na sua alma como no seu corpo, Cristo exprime humanamente os costumes divinos da Trindade (102):

«O Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado» (103).

**A ALMA E O CONHECIMENTO HUMANO DE CRISTO**

**471.** Apolinário de Laodiceia afirmava que, em Cristo, o Verbo tinha ocupado o lugar da alma ou do espírito. Contra este erro, a Igreja confessou que o Filho eterno assumiu também uma alma racional humana (104).

**472.** Esta alma humana, que o Filho de Deus assumiu, é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Como tal, este não podia ser por si mesmo ilimitado. Exercia-se nas condições históricas da sua existência no espaço e no tempo. Foi por isso que o Filho de Deus, fazendo-Se homem, pôde aceitar «crescer em sabedoria, estatura e graça» *(Lc* 2, 52) e também teve de Se informar sobre o que, na condição humana, deve aprender-se de modo experimental (105). Isso correspondia à realidade do seu abatimento voluntário na «condição de servo» (106).

**473.** Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina da sua pessoa (107). «A natureza humana do Filho de Deus, *não por si mesma, mas pela sua união com o Verbo,* conhecia e manifestava em si tudo o que é próprio de Deus» (108). É o caso, em primeiro lugar, do conhecimento íntimo e imediato que o Filho de Deus feito homem tem do seu Pai (109). O Filho também mostrava, no seu conhecimento humano, a clarividência divina que tinha dos pensamentos secretos do coração dos homens (110).

**474.** Pela sua união com a Sabedoria divina na pessoa do Verbo Encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava, em plenitude, da ciência dos desígnios eternos que tinha vindo revelar (111). O que neste domínio Ele reconhece ignorar (112) declara, noutro ponto, não ter a missão de o revelar (113).

**A VONTADE HUMANA DE CRISTO**

**475.** De igual modo, a Igreja confessou, no sexto Concilio ecuménico, que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas mas cooperantes, de maneira que o Verbo feito carne quis humanamente, em obediência ao Pai, tudo quanto decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo para a nossa salvação (114). A vontade humana de Cristo «segue a sua vontade divina, sem fazer resistência nem oposição em relação a ela, antes estando subordinada a essa vontade omnipotente» (115).

**O VERDADEIRO CORPO DE CRISTO**

**476.** Uma vez que o Verbo Se fez carne, assumindo uma verdadeira natureza humana, o corpo de Cristo era circunscrito (116). Portanto, o rosto humano de Jesus pode ser «pintado» (117). No VII Concílio ecuménico (118), a Igreja reconheceu como legítimo que ele fosse representado em santas imagens.

**477.** Ao mesmo tempo, a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, «Deus que, por sua natureza, era invisível, tornou-Se visível aos nossos olhos» (119). Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços do seu corpo humano, de tal modo que, pintados numa imagem sagrada, podem ser venerados porque o crente que venera a sua imagem, «venera nela a pessoa nela representada» (120).

**O CORAÇÃO DO VERBO ENCARNADO**

**478.** Jesus conheceu-nos e amou-nos, a todos e a cada um, durante a sua vida, a sua agonia e a sua paixão, entregando-Se por cada um de nós: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se por mim» *(Gl* 2, 20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esse motivo, o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação (121), *«praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat* é considerado sinal e símbolo por excelência... daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens» (122).

**Resumindo:**

**479.** *No tempo estabelecido por Deus, o Filho Unigénito do Pai, a Palavra eterna, isto é, o Verbo e imagem substancial do Pai, encarnou. Sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana.*

**480***. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua Pessoa divina; por essa razão, Ele é o único mediador entre Deus e os homens.*

**481.** *Jesus Cristo tem duas naturezas, a divina e a humana, não confundidas, mas unidas na única Pessoa do Filho de Deus.*

**482.** *Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Cristo tem uma inteligência e uma vontade humanas em perfeito acordo e submissão à inteligência e vontade divinas, que Ele tem em comum com o Pai e o Espírito Santo.*

**483.** *A encarnação é, pois, o mistério da união admirável da natureza divina e da natureza humana, na única Pessoa do Verbo.*

**VII. A morte redentora de Cristo no desígnio divino de salvação**

«JESUS ENTREGUE, SEGUNDO O DESÍGNIO DETERMINADO DE DEUS»

**599.** A morte violenta de Jesus não foi fruto do acaso, nem coincidência infeliz de circunstâncias várias. Faz parte do mistério do desígnio de Deus, como Pedro explica aos judeus de Jerusalém, logo no seu primeiro discurso no dia de Pentecostes: «Depois de entregue, segundo o desígnio determinado e a previsão de Deus» *(Act* 2, 23). Esta linguagem bíblica não significa que os que «entregaram Jesus» (440) foram simples actores passivos dum drama previamente escrito por Deus.

**600.** A Deus, todos os momentos do tempo estão presentes na sua actualidade. Por isso, Ele estabelece o seu desígnio eterno de «predestinação», incluindo nele a resposta livre de cada homem à sua graça: «Na verdade, Herodes e Pôncio Pilatos uniram-se nesta cidade, com as nações pagãs e os povos de Israel, contra o vosso santo Servo Jesus, a quem ungistes (441). Cumpriram assim tudo o que o vosso poder e os vossos desígnios tinham de antemão decidido que se realizasse» (*Act* 4, 27-28). Deus permitiu os actos resultantes da sua cegueira (442), como fim de levar a cabo o seu plano de salvação (443).

«MORTO **PELOS NOSSOS PECADOS**, SEGUNDO AS ESCRITURAS»

**601.** Este plano divino de salvação, pela entrega à morte do «Servo, o Justo» (444), tinha sido de antemão anunciado na Escritura como um mistério de redenção universal, quer dizer, de resgate que liberta os homens da escravidão do pecado (445) São Paulo professa, numa confissão de fé que diz ter «recebido» (446), que «Cristo morreu pelos nossos pecados *segundo as Escrituras» (1 Cor* 15, 3) (447). A morte redentora de Jesus deu cumprimento sobretudo à profecia do Servo sofredor (448). O próprio Jesus apresentou o sentido da sua vida e da sua morte à luz do Servo sofredor (449). Após a sua ressurreição, deu esta interpretação das Escrituras aos discípulos de Emaús (450) e depois aos próprios Apóstolos (451).

«**POR NÓS**, DEUS FÊ-LO PECADO»

**602.** Consequentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha, predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» *(1 Pe*1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte (452). Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo (453), que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado (454), «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» *(2 Cor* 5, 21).

**603.** Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente (455). Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai (456), assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» *(Mc* 15, 34) (457). Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» *(Rm* 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» *(Rm* 5, 10).

DEUS TOMA A INICIATIVA DO AMOR REDENTOR UNIVERSAL

**604.** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» *(1 Jo* 4, 10) (458). «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» *(Rm* 5, 8).

**605.** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» *(Mt* 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão» (Mt* 20,28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar (459). No seguimento dos Apóstolos (460), a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido» (461).

**III. Cristo ofereceu-Se a Si mesmo ao Pai pelos nossos pecados**

TODA A VIDA DE CRISTO É OBLAÇÃO AO PAI

**606.** O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou» (462), «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» *(Heb* 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (*Jo* 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» *(1 Jo* 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (*Jo* 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» *(Jo* 14, 31).

**607.** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus (463). A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (*Jo* 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» *(Jo* 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» *(Jo* 19, 30), diz: «Tenho sede» *(Jo* 19, 28).

«O CORDEIRO QUE TIRA O PECADO DO MUNDO»

**608.** Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores (464), João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (465). Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca (466), carregando os pecados das multidões (467), e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa (468), Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão» (469).

JESUS PARTILHA LIVREMENTE O AMOR REDENTOR DO PAI

**609.** Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (*Jo* 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (*Jo* 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens (470). Com efeito, Ele aceitou livremente a sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (*Jo* 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte (471).

NA CEIA, JESUS ANTECIPOU A OBLAÇÃO LIVRE DA SUA VIDA

**610.** Jesus exprimiu de modo supremo a oblação livre de Si mesmo na refeição que tornou com os doze Apóstolos (472), na «noite em que foi entregue» *(1 Cor* 11, 23). Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai (473) para a salvação dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser *entregue* por vós» *(Lc* 22, 19). «Isto é o meu "Sangue da Aliança", que *vai ser derramado* por uma multidão, para remissão dos pecados» *(Mt* 26, 28).

**611.** A Eucaristia, que neste momento instituiu, será o «memorial» (474) do seu sacrifício. Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem (475). Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: «Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade» *(Jo* 17, 19) (476).

**A AGONIA NO GETSÉMANI**

**612.** O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo (477), é aceite seguidamente por Jesus das mãos do Pai, na agonia no Getsémani (478), fazendo-Se «obediente até á morte» *(Fl* 2, 8) (479). Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» *(Mt* 26, 39). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado (480) que causa a morte (481). E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida» (482), do «Vivente» (483). Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do Pai (484) aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» *(1 Pe* 2, 24).

**A MORTE DE CRISTO É O SACRIFÍCIO ÚNICO E DEFINITIVO**

**613.** A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens (485) por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo» (486), e o *sacrifício da Nova Aliança* (487)que restabelece a comunhão entre o homem e Deus (488), reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados» (489).

**614.** Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios (490). Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega o seu Filho para nos reconciliar consigo (491). Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor (492) oferece a sua vida (493) ao Pai pelo Espírito Santo (494) para reparar a nossa desobediência.

**JESUS SUBSTITUI A NOSSA DESOBEDIÊNCIA PELA SUA OBEDIÊNCIA**

**615.** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» *(Rm 5,* 19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que oferece a sua vida como *sacrifício de expiação,* ao carregar com o pecado das multidões, que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas (495). Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados (496).

**NA CRUZ, JESUS CONSUMA O SEU SACRIFÍCIO**

**616.** É o «amor até ao fim» (497) que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos a todos no oferecimento da sua vida (498). «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2 *Cor 5,* 14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tornar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor *por todos.*

**617.** «Sua sanctissima passione in ligno crucis nobis justificationem meruit – Pela sua santíssima paixão no madeiro da cruz, Ele mereceu-nos a justificação» – ensina o Concílio de Trento (499), sublinhando o carácter único do sacrifício de Cristo como fonte de salvação eterna (500). E a Igreja venera a Cruz cantando: «O crux, ave, spes unica! – Avé, ó cruz, esperança única!» (501).

**A NOSSA PARTICIPAÇÃO NO SACRIFÍCIO DE CRISTO**

**618.** A cruz é o único sacrifício de Cristo, mediador único entre Deus e os homens (502). Mas porque, na sua pessoa divina encarnada. «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem» (503), «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhe­cido» (504). Convida os discípulos a tomarem a sua cruz e a segui-Lo(505) porque sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos (506). De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários (507). Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor (508):

Há uma só escada verdadeira fora do paraíso; fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu» (509).

**Resumindo:**

**619.** *«Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras» (1 Cor 15, 3).*

**620.** *A nossa salvação procede da iniciativa amorosa de Deus em nosso favor, pois «foi Ele que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10). «Foi Deus que, em Cristo, reconciliou consigo o mundo» (2 Cor 5, 19).*

**621.** *Jesus ofereceu-Se livremente para nossa salvação. Este dom, significa-o e realiza-o Ele, de antemão, durante a Ultimo Ceia: «Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós» (Lc 22, 19).*

**622.** *Nisto consiste a redenção de Cristo: Ele «veio dar a sua vida em resgate pela multidão»(Mt 20, 28), quer dizer; veio «amuar os seus até ao fim» (Jo 13, 1), para que fossem libertos da má conduta herdada dos seus pais* (510).

**623***. Pela sua obediência amorosa ao Pai, «até d morte de cruz» (Fl 2, 8), Jesus cumpriu a missão expiatória* (511) *do Servo sofredor, que justifica as multidões, tomando sobre Si o peso das suas faltas (Is 53, 11)* (512).

1. L. F. Ladaria, Gesù Cristo salvezza di tutti, 55-85. [↑](#footnote-ref-1)
2. GS 10: “10. Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo actual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se com batem. Enquanto, por uma parte, ele se experimenta, como criatura que é, mùltiplamente limitado, por outra sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas e a renunciar a algumas. Mais ainda, fraco e pecador, faz muitas vezes aquilo que não quer e não realiza o que desejaria fazer (4). Sofre assim em si mesmo a divisão, da qual tantas e tão grandes discórdias se originam para a sociedade. Muitos, sem dúvida, que levam uma vida impregnada de materialismo prático, não podem ter uma clara percepção desta situação dramática; ou, oprimidos pela miséria, não lhe podem prestar atenção. Outros pensam encontrar a paz nas diversas interpretações da realidade que lhes são propostas. Alguns só do esforço humano esperam a verdadeira e plena libertação do género humano, e estão convencidos que o futuro império do homem sobre a terra satisfará todas as aspirações do seu coração. E não faltam os que, desesperando de poder encontrar um sentido para a vida, louvam a coragem daqueles que, julgando a existência humana vazia de qualquer significado, se esforçam por lhe conferir, por si mesmos, todo o seu valor. Todavia, perante a evolução actual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber? Que há para além desta vida terrena? A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos (5), oferece aos homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação; nem foi dado aos homens sob o céu outro nome, no qual devam ser salvos (6). Acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e mestre. E afirma, além disso, que, subjacentes a todas as transformações, há muitas coisas que não mudam, cujo último fundamento é Cristo, o mesmo ontem, hoje, e para sempre (7). Quer, portanto, o Concílio, à luz de Cristo, imagem de Deus invisível e primogénito de toda a criação (8), dirigir-se a todos, para iluminar o mistério do homem e cooperar na solução das principais questões do nosso tempo. CTI, Teologia da Redenção, I, 30-31; EV 14/1860-1861. [↑](#footnote-ref-2)
3. GS 10. [↑](#footnote-ref-3)
4. Cf. CTI, I, 2: EV 14/1832. [↑](#footnote-ref-4)
5. Cf. DV 3; Rm 1,19-20. [↑](#footnote-ref-5)
6. Giustino, Dial. Tryph. 73,2 (PTS 47,195): “foi salvo ressuscitando”, citado por L. F. Ladaria, Gesù Cristo Salvezza di Tutti, 68. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ib., 102,7 (246), 69. [↑](#footnote-ref-7)
8. T. Buffer, Salus in St Hilary of Poitiers, Roma 2002, 179-181. [↑](#footnote-ref-8)
9. Lettera Promississe me memini (Denz. 318). [↑](#footnote-ref-9)
10. Adv. Haer. III 9,3 (SC 211,110-112). Cf Demonstr. 59 (FP 2,176). [↑](#footnote-ref-10)
11. Atanasio di Alessandria, Contra Arianos I 47 (PG 26,109). [↑](#footnote-ref-11)
12. Atanasio di alessandria, De Incarnatione Verbi et contra Arianos, 12 (PG 26,1004). [↑](#footnote-ref-12)
13. Gregorio Nazianzeno, Ep. 101, I 32 (SC 208,50). [↑](#footnote-ref-13)
14. Ambrogio di Milano, De Fide IV 10,128-129 (Opera 15,314-316). [↑](#footnote-ref-14)
15. O. Gonzalez de Cardedal, Cristología, BAC, Madrid2, 2005, 528. [↑](#footnote-ref-15)
16. Ireneo di Lione, Adv. Haer. V 36,3 (trad. A. Orbe, Teologia de san Ireneo III. [↑](#footnote-ref-16)
17. Gregorio di Nissa, Contra Apollinarem 16 (PG 45,1153); è purê particolarmente significativo un passo di Cirillo di Alessandria, In Johannis evangelium I 9 (PG 73,161-164), cit. Nel testo correspondente nella nota 28 del cap. 2. [↑](#footnote-ref-17)
18. Cf., entre os muitos outros lugares, De civ. Dei XVII 4 (CCL 48,561-562); En. In Ps. 60,2; 90,2,1; 140,4 (CCL 39-40, 766; 1266; 2028). [↑](#footnote-ref-18)
19. En. In Ps. 85,1 (CCL 39,1176). [↑](#footnote-ref-19)
20. Isacco dela Stella, Sermo 42. In Ascensione Domini 17-18 (SC 339,52). H. De Lubac, Médication sur l’Église (Oeuvres completes, 8), Parigi 2003, 156: “L’Église est en ses membres comme ele fut en son Chef: ele n’est avec lui rédemptrice comme ele n’est par Lui rachetée que sur la croix”. [↑](#footnote-ref-20)
21. Cf. Ireneo di Lione, Adv. Haer. III 17,1 (SC 211,330). [↑](#footnote-ref-21)
22. Cf. Ireneo di Lione, Adv. Haer. IV 14,2 (SC 100,542-544). [↑](#footnote-ref-22)
23. Orbe, La unción, del Verbo, 636-637. [↑](#footnote-ref-23)
24. Santo Agostinho diz que “Ele foi já exaltado acima dos céus, mas sofre na terra a dor que experimentamos nós como seus membros. Disso deu testemunho, exclamando do alto: Saulo, Saulo, por que me persegues? (At 9,4), e Tive fome e me deste de comer (Mt 25,35)” (Agostinho, Sermo mai. 98. De Ascensione Domini, I (PLS 494). Na época medieval, essas mesmas ideias são repetidas, citando-se os mesmos textos já expostos por santo Agostinho. Assim, Isaac da Estrela, Sermo 42,11 (SC 239,44), falando sobre a identificação de Jesus com aqueles que sofrem, pergunta-se: “Por qual razão, se não por causa da unidade do Esposo e da Esposa, ou da cabeça e do corpo?”. Na teologia atual, encontramos ecos interessantes dessa antiga tradição. González de Cardedal, Cristología, 488: “(Cristo) permanece em uma luta agônica até quando todos nós participaremos da sua vitória. Glorificado, não morre mais, mas não está plenamente glorificado enquanto um membro do seu corpo continuar peregrinando ainda submetido à insegurança da história. O Messias está para vir de forma definitiva”. [↑](#footnote-ref-24)
25. Opusc. Theol. 2. [↑](#footnote-ref-25)
26. Ilario de Poitiers, Tr. Ps. 139,17 (CSEL 22,788). [↑](#footnote-ref-26)
27. Cf. Tommaso d’Aquino, STh III 2,2; ib. III 2,3: enquanto subsiste em duas naturezas, a pessoa de Cristo é “composta”; III 17,2: a pessoa divina não subsiste somente segundo a natureza divina, mas também segundo a natureza humana. [↑](#footnote-ref-27)
28. Ilario de Poitiers, Tr. Ps. 13,3 (CCL 61,79); 15,4 (84). [↑](#footnote-ref-28)
29. Ireneo di Lione, Adv. Haer. V 8,1 (cf. Orbe, Teologia de san Ireneo III, 374-377). [↑](#footnote-ref-29)
30. Até aqui, tradução da obra de L. F. Ladaria, Gesù Cristo salvezza di tutti, 55-85, tendo apenas algumas poucas modificações. [↑](#footnote-ref-30)
31. A Diogneto 7,4 (SC 33bis,68). [↑](#footnote-ref-31)
32. Irineo di Lione, Contro le eresie, 3,17,4; 3,18,2; a cura di Enzo Bellini, Roma 1997², 272. [↑](#footnote-ref-32)
33. Concilio Vaticano II, Cost. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042-1043. [↑](#footnote-ref-33)
34. Catecismo da Igreja Católica. [↑](#footnote-ref-34)